

CRISE: Planalto pensa em recorrer até ao Supremo

Governo desiste de tentar impedir a CPI no Senado

Mais dois tucanos assinam e apoios agora já são 29

Catia Seabra e
Ana Paula Macedo

• BRASÍLIA. O dia ontem foi difícil para o governo. Além das denúncias contra o ministro Fernando Bezerra, o Governo enterrou, de vez, qualquer esperança de evitar a criação da CPI da Corrupção no Senado, depois que os tucanos Álvaro Dias e Osmar Dias (PR) decidiram assinar o requerimento de instalação. Com eles, chega a 29 o número de senadores que aderiram à CPI, dois a mais do que o necessário.

Reunido ontem de manhã com articuladores políticos e líderes do PSDB, Sérgio Machado (CE), e do PMDB no Senado, Renan Calheiros (AL), o presidente Fernando Henrique Cardoso reconheceu que, na Casa, a situação é irreversível e que é hora de concentrar esforços na Câmara. Segundo assessores, o governo, de tão acuado, até admite a possibilidade de recorrer ao Supremo Tribunal Federal (STF) questionando a constitucionalidade da CPI, caso fracasse no Congresso. O líder do PSDB na Câmara, Jutahy Magalhães Júnior (BA), confirma.

— Primeiro, vamos tentar impedir as assinaturas. Depois, tentaremos na CCJ. Mas um recurso ao Supremo não está descartado — disse.

Oposição conta com adesão de mais 20 deputados

Como se não bastasse, a oposição está apostando na adesão de, pelo menos, mais 20 deputados governistas à CPI. Alguns deles seriam do Maranhão, onde no domingo o presidente da Câmara, Aécio Neves (PSDB-MG), teria prometido iniciar uma luta contra o caciquismo político. O discurso foi recebido como um insulto pelos seguidores da governadora Roseana Sarney (PFL), que ontem mesmo recebeu um telefonema de Aécio e se reuniu com parte da bancada para discutir sua posição. Hoje, a bancada do Maranhão terá novo encontro para decidir o que fazer.

— Eu e Pedro Fernandes estamos dispostos a assinar o requerimento — avisou o deputado Gastão Vieira (PMDB).

Embora digam que a oposição superestima em dez o número de assinaturas na Câmara (seriam 164 e não 174, como anunciado), os governistas admitem não ter qualquer trunfo para sensibilizar os aliados.

— Estou conversando com os líderes. É um trabalho basicamente político. Não tenho cartas na manga — disse o líder do governo na Câmara, Arnaldo Madeira (PSDB-SP).

Hoje, a executiva do PFL se reúne para tentar demover seus deputados da idéia de apoiar a CPI. Tarefa difícil.



ÁLVARO DIAS: "Quem não assinar (a CPI) vai ter de dar explicações"

"É evidente que quem não assinar a CPI vai ter de dar explicações o tempo todo. Mas não é um ingrediente eleitoral. É respeito à população"

ÁLVARO DIAS

Senador tucano que assinou o pedido da CPI

— Aqui em Goiás, ninguém retira a assinatura assim não — reagiu Ronaldo Caiado (PFL-GO).

Enquanto isso, a oposição intensifica o assédio. O líder do PT, Walter Pinheiro (BA), já explorava o caso de Bezerra como mais uma demonstração de que é preciso a CPI.

— Bezerra vai fortalecer a CPI. O próprio ministro que investiga é investigado. Agora entendo por que ele tinha tanta pressa em acabar com a Sude. Para enterrar suas próprias falcaturas — afirmou o petista.

No Senado, a assinatura dos irmãos Dias foi recebida com desolação pelo líder Sérgio Machado, que, até então, mantinha unida a bancada tucana. Segundo os dois senadores, a decisão foi comunicada ao governo na quarta-feira, em encontros com os ministros Aloysio Nunes Ferreira e José Serra. Embora em seus discursos repetisse que sua decisão nasceu do repúdio a qualquer acordo que sepultasse as investigações, Álvaro Dias, que é candidato ao governo do Pa-

raná, reconheceu que a proximidade da eleição de 2002 pesou. Segundo ele, as pesquisas registram o apoio de mais de 80% do eleitorado à CPI.

— É evidente que quem não assinar vai ter de dar explicações o tempo todo. Mas não é um ingrediente eleitoral. É respeito à população — disse.

Bancada do Paraná não vai acompanhar Álvaro Dias

Embora Álvaro seja presidente regional do PSDB, os líderes tucanos obtiveram ontem da bancada paranaense a garantia de que o senador não será acompanhado pelos deputados. Ontem, dando como perdida a batalha no Senado, Fernando Henrique fez um apelo a Renan e Machado: que o Congresso não se deixe paralisar sob pena de afugentar os investidores estrangeiros.

— O presidente já deu todos os argumentos. Agora, o assunto é com o Congresso. O presidente apenas espera que o Congresso não paralise as votações, que é o que o Brasil precisa — disse o porta-voz da Presidência, Georges Lamazière. ■